

TI

CINEMA

VO

MEMÓRIAS DA AVENIDA

LI

A ARQUI-
TECTURA
AO
SERVIÇO
DA
CULTURA

FLÁVIO TIRONE

Por volta de 1917, a família Lima Mayer viu-se obrigada a edificar nos terrenos de que era proprietária na zona da recém-criada Avenida por imposição do município que pretendia transformar os campos e as quintas aí existentes em malha urbana.

Adolfo Lima Mayer, pai de Frederico, sugeriu a construção de um «salão para espectáculos públicos». A sugestão foi bem acolhida pela Câmara Municipal e, após vários anos de diálogo entre as partes, surgiu a ideia amadurecida com o programa arquitectónico que veio a ser adoptado no projecto final.

Quando Frederico de Lima Mayer convidou o arquitecto Raul Lino, seu amigo, para desenhar um Palácio do Cinema ao grande estilo de Paris, este acedeu ressalvando que aceitava o desafio apesar de não ser essa a linguagem que preferia. Conforme suas palavras: «[...] da harmonia do consórcio que deve haver entre o arquitecto e a entidade proprietária, os ressaltos Luís XVI que nele se encontram são devidos a uma vinculada predilecção do proprietário pelo clássico estilo francês. Eu tinha empenho em ser agradável ao meu bom amigo, mas ao mesmo tempo, era grande a vontade de fazer alguma coisa de original na decoração interna pelo menos, e cheguei a produzir um desenho colorido de um corte passado através da sala de espectáculos em que a principal decoração consistia em uns ramalhetes de cerâmica policromada de grande relevo, de estilo moderno e cores muito vivas que ornassem os balcões em pontos equidistantes, contrastando com a lisura clara e neutra do conjunto. Mas não convenci o meu bom amigo.»

O distanciamento da opção solicitada e desenhada iria marcar o destino desta obra-prima como menor e raramente mencionada quando se comenta, hoje, o espólio de Raul Lino.

Raul Lino estudou e exerceu na Alemanha onde imperava o ambiente excitante fortemente influenciado pela Secessão Vienense e pelas vanguardas do Jugendstil. Após o seu regresso, empreendeu uma série de viagens em Portugal para aprofundar o conhecimento do seu país e da sua cultura, e a Marrocos, dada a forte influência da cultura moçárabe na génese da portuguesa. Foi esta acção de reconhecimento que

Frederico de Lima Mayer era um homem da Serra de Sintra, do Romantismo das quintas, dos jardins e da frescura das fontes



Chapéu-de-sol da Quinta Velha, elemento romântico inserido na Serra de Sintra por Frederico de Lima Mayer

proporcionou a Raul Lino encontrar a sua linguagem expressiva pessoal sem se deixar levar pela tentação da «importação» directa e acrítica da cultura assimilada ao longo da estadia na Alemanha.

Um dia, Raul Lino confessou que tinha uma amante: a *Natureza*. Foi sempre a pensar nela e com dedicação a ela que se moveu e, por isso, basta lembrar a arquitectura adoptada na Casa do Cipreste, em Sintra, ou na Quinta dos Patudos, em Alpiarça.

Sintra, a Serra de Sintra. Da Casa do Cipreste e de tantas mais. E, Raul Lino descrevia-se: «O meu feitio tendeu sempre para a meditação, e

Raul Lino e Frederico de Lima Mayer eram, por educação, por feitio e gostos, pessoas do mesmo universo

a independência atraía-me sem que o isolamento me assustasse. Corria e palmilhava a Serra de Sintra em todas as direcções até à orla do Atlântico. Ia ou voltava numerosas vezes, entre Sintra e Cascais ou Estoril, sempre a pé e só-zinho [...]. Eu creio que Sintra pertence àquela classe de valores míticos de primeira grandeza do nosso firmamento espiritual, cujo culto é fervorosamente exercido por uma pequeníssima confraria de apaixonados.» Frederico de

Lima Mayer também era um homem da Serra de Sintra, do Romantismo das quintas, dos jardins e da frescura das fontes.

Raul Lino e Frederico de Lima Mayer eram, por educação, por feitio e gostos, pessoas do mesmo universo.

A sala de espectáculos do Tivoli, inaugurada em Novembro de 1924, apesar da forte influência do estilo Luís XVI, transmite a relação humana que Raul Lino sentia com o espaço e tudo quanto este continha. A sua forma rectangular/paralelepédica em vez de elíptica/oval, como seria lógico tendo optado pelo estilo Neoclássico, o frontão do proscénio em forma de tímpano e colunas/pilastras em vez de uma boca de cena arqueada típica no teatro lírico, comprovam a tentativa de, apesar do compromisso assumido, introduzir subtilmente a sua musa, que se tornou

Sala nobre do Tivoli.



no seu cunho pessoal presente em tantas ocasiões nos desenhos, ideias ou concretizações, a Natureza.

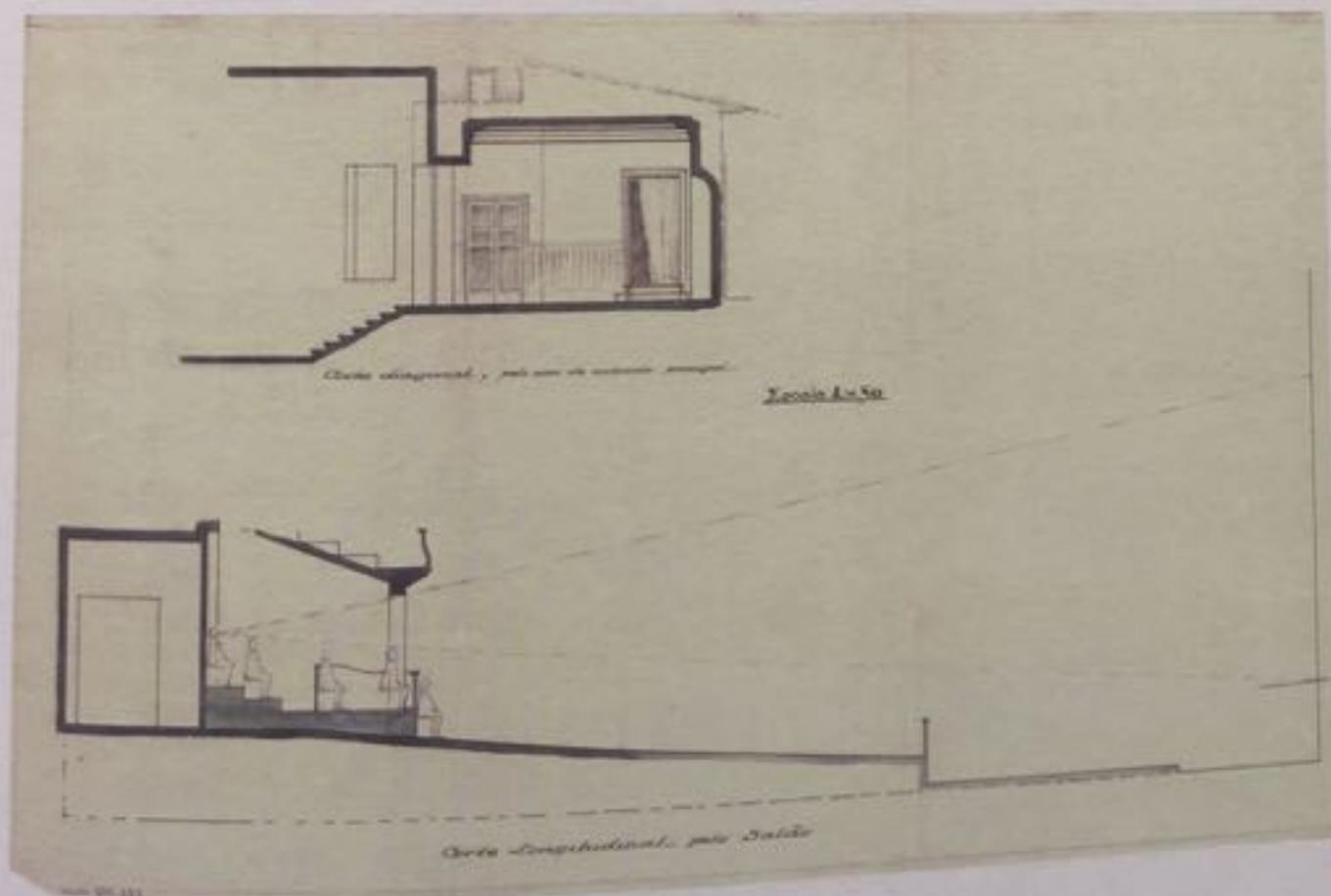
Após várias versões de projecto, o desenho cristalizou no edifício que hoje vemos e habitamos, que mais se assemelha a um templo. A fachada para a Avenida, ricamente ornamentada de frisos e balaustas, com janelões majestosos (aqui, sim, o palácio é assumido), oculta o corpo do auditório que, com o seu tímpano e óculo (rosácea), exprime uma imagem de templo (grego ou cristão), justamente para conter e reunir os «fiéis» na sua basílica de proporções magnas, mas humanas.

Em várias nuances do projecto encontramos prova da vontade de Raul Lino na busca de uma linguagem naturalista centrada no Homem em detrimento da opulência absolutista representada pelo estilo sugerido.

Estamos em crer que a mensagem que Raul Lino nos deixou relativa à identidade do edifício é clara: Este Palácio do Cinema é, verdadeiramente, o Templo da Cultura. A carreira do edifício veio demonstrar que esta afirmação é acertada, vistos os tipos de eventos que aí foram representados e do sucesso que obtiveram junto do grande público. Para melhor entendermos a identidade do edifício parece essencial assimilar este mote que nos guia ao longo de todo o percurso quando o habitamos.

Em Fevereiro de 2015 chegou a bom termo o processo de classificação do edifício, Teatro Património, após um começo incerto no final dos idos anos 80, ainda no âmbito do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), actual Direcção Geral do Património Cultural (DGPC). De facto, este edifício foi contemplado a ser elevado ao grau de Monumento pela sua qualidade arquitectónica rara e pela sua relação vulgar e directa de vivência com os lisboetas.

O Tivoli rapidamente se afirmou como espaço moderno, de características únicas e apto a satisfazer as necessidades dos apreciadores de diferentes manifestações artísticas e culturais. O seu estilo Neoclássico emprestava-lhe a personalidade própria dos teatros franceses, o que conferiu à Avenida da Liberdade um certo sabor a *boulevard* parisiense, já antevisto pelos seus jardins e espaços de lazer a lembrar os Campos Elísios.



Notas indiscretas

O que se passa nos bastidores dos cinemas

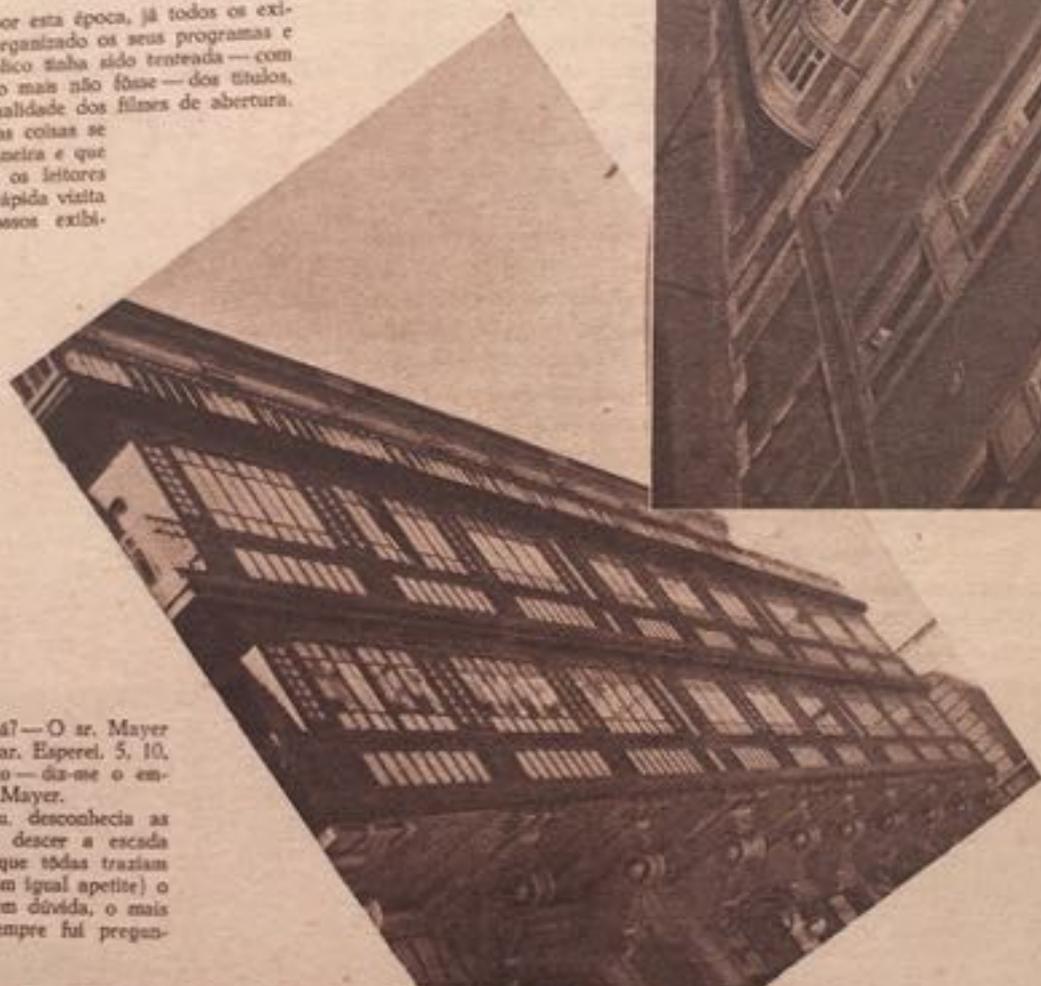
NO ano passado, por esta época, já todos os exibidores tinham organizado os seus programas e já a curiosidade do público tinha sido tentada — com o conhecimento — quanto mais não fosse — dos títulos, da proveniência e da qualidade dos filmes de abertura. Pensei que este ano as coisas se passariam da mesma maneira e que bastaria, para informar os leitores da *Imagem*, fazer uma rápida visita aos escritórios dos nossos exibidores.

Comecei pelo Tivoli.

Grandes ruídos de marteladas e de serração, uma azáfama de obras, com níveis difíceis e um cruzamento constante de operários nos corredores, transportando vigas e ferramentas. Tudo isto se passa na segunda planta que — reguendo-me informou um operário — vai subir um pouco de nível.

Entro no escritório: — O sr. Mayer, está? — O sr. Mayer está a acabar de almoçar. Esperet. 5, 10, 15, 20 minutos... pronto — diz-me o empregado — aí tem o sr. Mayer.

Para quem, como eu, desconhecia as pessoas que vinham a descer a escada (com a agravante de que todas traziam cara de ter almoçado com igual apetite) o sr. Mayer devia ser, sem dúvida, o mais novo dos três. Mas sempre fui pergun-



O São Luiz-Cine e Odéon

tando ao empregado de qual deles se tratava.

— É o de mais idade, pois qual há-de ser?

Sem lhe pedir desculpa da minha inexplicável ignorância, abordei o sr. Mayer: — V. Ex.^a pode informar-me do programa que o Tivoli exhibe na próxima época?

O sr. Mayer franziu o sobrolho, com o ar de quem lhe apetece mais perguntar-me o que é que eu tinha com isso. Contudo, respondeu-me: — Ainda não sei nada, absolutamente nada.

— Nem ao menos qual é o filme de abertura? — Nem sequer sei quando abrimos. Como vê — e apontou com um dedo — ainda estamos em obras.

Olhei para as obras: — Sim, realmente, ainda estão em obras! Muito obrigado. E sai, a pensar em que terá que ver o programa com as obras...

(No dia seguinte, alguém que está no segredo dos deuses da Paramount, disse-me ao ouvido, depois de me fazer jurar por estes deuses que eu não divulgaria o seu nome, que o Tivoli ia fechar com aquela firma um contrato, onde estaria incluído o filme da abertura da temporada.)



A fachada do Tivoli

Entrar nos escritórios do sr. Raúl Lopes Freire não é das coisas mais fáceis, — para não dizer que é das mais difíceis. Muito antes de haver o perigo de ele nos dizer pessoalmente, com uma sinceridade invejável, que não responde às nossas perguntas, há o perigo disto nos ser dito por intermédio de 25 empregados.

Querem conhecer o ambiente? — Uma escada larga, cujo patamar confina com uma enorme parede envidraçada, que deixa apenas coar uma

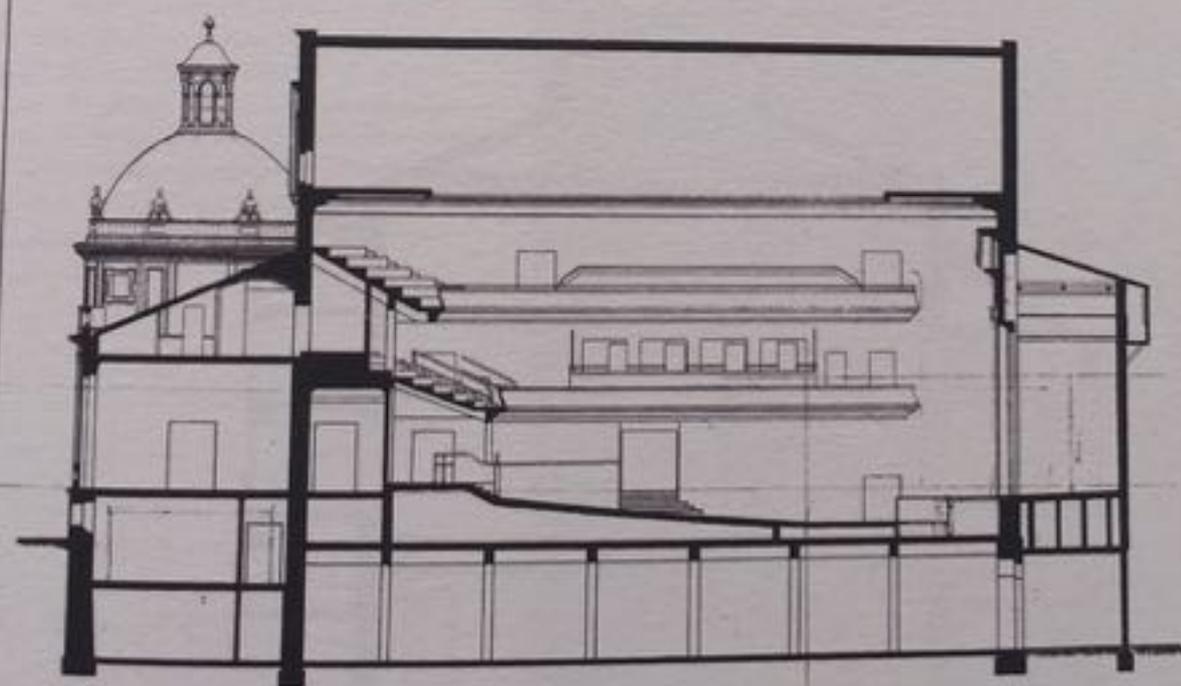
A Avenida da Liberdade, outrora campo e depois Passeio Público, sofreu profundas intervenções nos seus edifícios originais a partir do boom urbanístico dos anos 80 tendo grande parte deles desaparecido ou sido substituídos por outros, mais volumosos, que seguiram parâmetros arquitectónicos actualizados, não encontrando quaisquer obstáculos normativos que obrigassem a preservar as linguagens originais. É quase inacreditável como conseguiu o corpo principal do Tivoli sobreviver a essa «onda». Já o palco e a ala das instalações sanitárias infelizmente não tiveram a mesma sorte.

A alma do Tivoli reemergeu, numa operação de remodelação e restauro entre 2012 e 2016, após algumas décadas de reclusão por de trás de elementos sobrepostos à pele original.

É no equilíbrio das variáveis do espectador/público, do artista e do técnico que um edifício deste cariz consegue cumprir o seu papel, sendo todas estas valências igualmente importantes.

O valor do património torna-se mais evidente nos sectores nobres do edifício onde o público permanece e onde se pretende ampliar a sensação de conforto.

A definição de parâmetros cromáticos — encontrada através da pesquisa «arqueológica» recorrendo ao uso de estratigrafias e janelas de limpeza, seja no interior ou no exterior, e através da pesquisa histórica procurando as referências cromáticas mais próximas de Raul Lino, confirma a ligação do Mestre com a Natureza, legado que lhe chegou através da vivência sintense e dos estudos na Alemanha romântica — apela a cores com referências florestais, marítimas, rochosas, celestes. Branco-cal, branco-sal, bege-areia-da-praia, castanho-casca-de-pinheiro, verde-portão, verde-escuro-sombra-de-oliveira, cinza-azulado-céu-tempestivo, azul-do-mar-profundo, amarelo-açafrão.



TIVOLI *Carlo Augustus*

Escudo 1. 190

executados em betão — material recente e ainda pouco utilizado no país, mas dominado com mestria e arte neste caso — o «salão de baile», a cervejaria ou o restaurante, os arrumos para o teatro...

Já nos anos 50, no âmbito da remodelação profunda que foi levada a cabo para adaptação do edifício às novas tecnologias cinematográficas, a cave foi imaginada, ainda pelo atelier de Raul Lino, como a segunda sala de cinema, em mais uma tentativa de dar um objectivo a esta área devoluta.

O arquitecto foi bem aconselhado nesta nova fase de projecto, em particular na vertente cénica, tendo o Tivoli sido alvo de um projecto cénico completo, algo invulgar nesses tempos.

Há testemunhos desenhados que reflectem a vontade de o Tivoli se tornar num teatro, no verdadeiro sentido da palavra. O auditório já tinha a magnitude e o carácter necessário para o efeito, apenas faltava desenvolver um palco a condizer.

Foi projectada e executada uma caixa de palco com falsa-teia, teia, varandas, palco de quarteladas, duplo sub-palco, tudo equipado com sistemas manuais de suspensão e com sistemas de iluminação cénica ao mais elevado grau de exigência para a época.

Nessa mesma remodelação foi, uma vez mais, solicitado a Raul Lino que intervisse para actualizar a sala aos novos conceitos do cinema, tendo sido necessário ampliar o arco de proscénio para assimilar as proporções do novo formato de projecção.

Na memória descritiva de projecto, Raul Lino expõe o seu ponto de vista de que apenas pretende intervir sem interferir com o programa decorativo existente.

Talvez se possa considerar o teatro mais completo da cidade desse tempo, visto que para além de ter as melhores condições para o cinema também pertencia à elite das salas com espectáculos ao vivo.

Também houve grande atenção dedicada ao tratamento do ar, outra questão invulgar para a época, com um desenho e um estudo detalhado sendo que grande parte da instalação ainda se encontra integrada e funcional.

O sistema de ventilação natural desenhado e executado na origem era excepcional e de consumo energético quase nulo tendo sido complementado com um sistema de ar condicionado de última geração para produzir ar quente e ar frio que, naquela época, começou a ser a norma em grandes salas de espectáculos nas cosmópolis que ditavam «a moda». Atento, como sempre, a estas novidades, Augusto Lima Mayer não quis ser ultrapassado pela



Ana de Lima Mayer de Carvalho aprecia o funcionamento do sistema de ar condicionado instalado no Tivoli. O Tivoli manteve-se na vanguarda do que era prática nos teatros e cinemas da época que começavam a climatizar de forma eficiente e cómoda as suas salas

concorrência nascente de outras salas, como a do São Jorge que, sendo construída de raiz, já preveria um sistema equivalente.

Sendo a cadeira a peça de mobiliário mais emblemática em qualquer sala de espectáculos é importante seguir-lhe o rasto ao longo dos tempos para compreender a sua identidade e a do auditório em que está inserida.

A cadeira original desenhada por Raul Lino é nitidamente influenciada pelo percurso alemão feito pelo mestre nos seus anos universitários. A simplicidade das formas, a funcionalidade e a ergonomia, o uso de materiais naturais como a madeira, a atenção à sua colocação no piso inclinado da plateia, são parâmetros que, mais uma vez, nos transportam para a sua linguagem preferida e, apesar de se encontrar inserida num contexto clássico, consegue um equilíbrio estético invulgar.

A plateia estava organizada em duas partes, ainda refém da separação de classes sociais, sendo a plateia mais próxima do ecrã constituída por bancos corridos em madeira e ligeiramente rebaixada em relação à plateia nobre onde as cadeiras eram individuais e equipadas com um coxim.

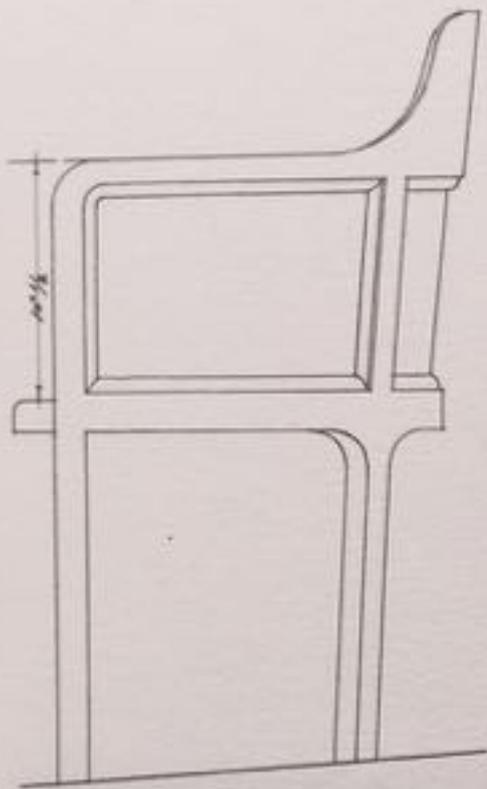
O acesso a partir do exterior também era separado tendo o «povo» acesso directo da rua e sem qualquer antecâmara e as «classes abastadas» uma entrada e um salão nobre ricamente ornamentados.

Numa fase de alterações e adaptações às novidades sonoras do cinema, em plenos anos 30, julgou-se apropriado investir na melhoria do conforto da cadeira, elevando assim o grau de empatia do espectador com o filme ou o espectáculo.

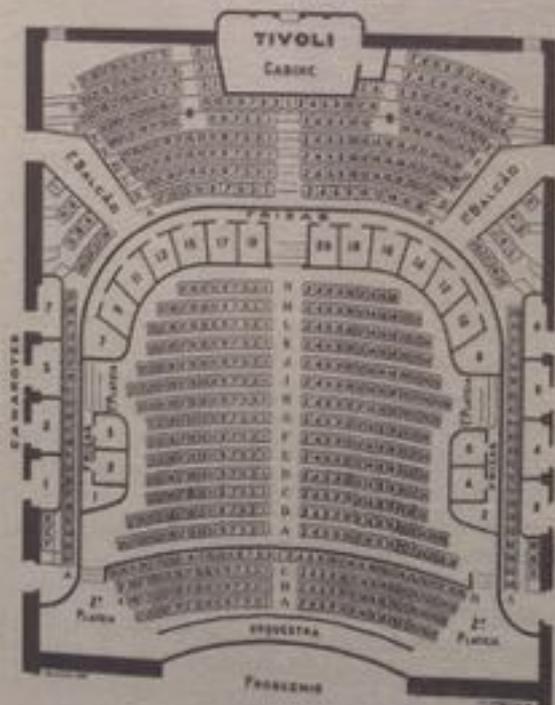
A cadeira nova usou um esquema de báscula com contrapeso para o assento por forma a facilitar o acesso ao interior das filas com a particularidade de ter um acessório próprio para arrumar o chapéu por debaixo do mesmo.

A estrutura de sustentação da cadeira era em ferro-forjado de elevado valor esttico e também incluía os elementos funcionais necessários à rotação e ao apoio amortecido do assento, para além do braço em madeira de mogno maciço com desenho anatomicamente optimizado.

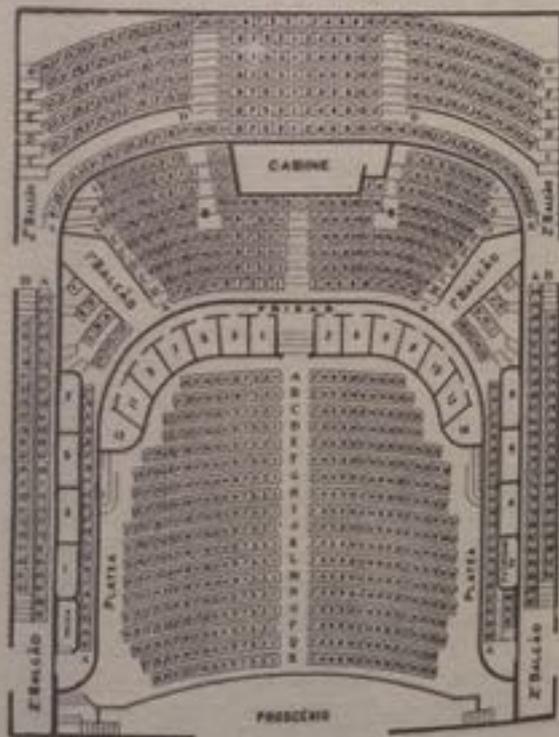
Esse sistema ainda hoje existe tendo sido restaurado para garantir a sua preservação.



LADO



Primitiva planta do Tivoli



Planta do Tivoli quando do desaparecimento da 2.ª Plateia e das Frias laterais

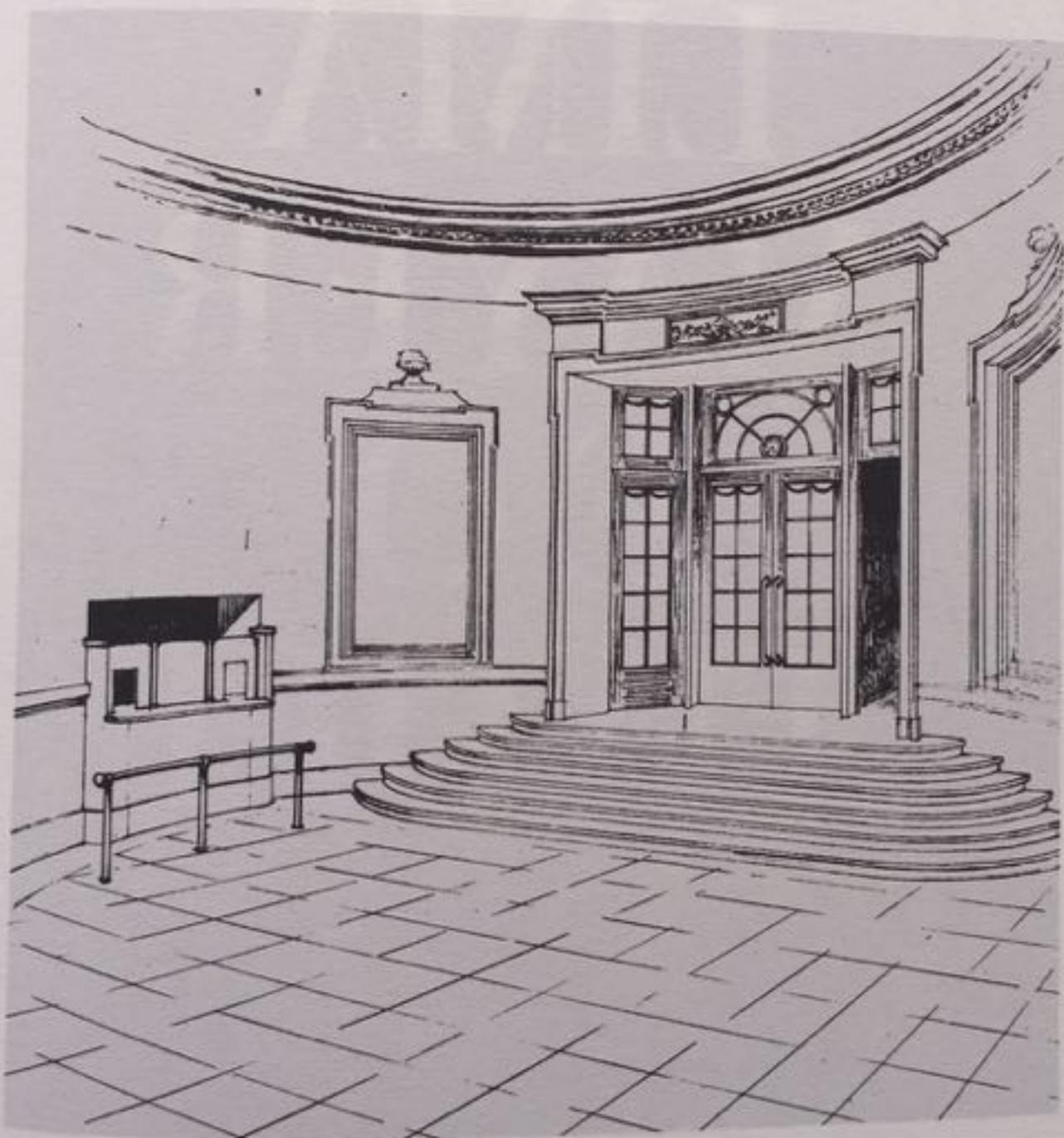
Para um edifício com cerca de cem anos de existência estamos em crer que se encontra em condições de durar outros muitos anos mais. São muitos os pormenores de requinte que encontramos no Tivoli saídos do atelier de Raul Lino que, após demorada pesquisa em vários locais, conseguimos descobrir e comprovam a evolução deste auditório ao longo dos tempos.

Mais de noventa anos depois de ter começado a sua carreira no mundo dos espectáculos, em 2016, o Tivoli renasce para a cidade. Nos últimos quatro anos, o Teatro Tivoli acolheu cerca de mil e vinte e cinco espectáculos para um total de perto de quinhentos mil espectadores, a que se juntam eventos privados e seus participantes.

A história da arquitectura deste edifício emblemático de Lisboa mantém-se em aberto desenvolvendo-se à imagem do património da Avenida enaltecendo este Teatro Património a Património do Teatro!

1. In revista *Vida Mundial*, 21 de Novembro de 1969.

Página anterior
Plantas da sala antes
e depois das obras
de 1930



C I N E M A
TIVOLI
MEMÓRIAS DA AVENIDA

DUARTE DE LIMA MAYER
JOÃO MONTEIRO RODRIGUES

© 2016, Building Ideas

Bernardino Pontes; Duarte de Lima Mayer; Duarte Ivo Cruz; Flávio Tirone; Helena Vaz da Silva; Luiz Antunes; João Bénard da Costa; João de Freitas Branco; João Monteiro Rodrigues; João Paes; Jorge Silva Melo; Leitão de Barros; José Sarmiento de Matos; Miguel Esteves Cardoso; Miguel Simal

Créditos Fotográficos

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA: pp. 31, 35, 37, 49, 50, 53

CINEMATECA PORTUGUESA/MUSEU DO CINEMA
pp. 68, 72, 73, 76, 78, 81, 82, 89, 98, 101, 181

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
(BIBLIOTECA DE ARTE)

Colecção Estúdio Mário Novais, pp. 40, 170-173, 199, 261
Espólio Raul Lino, pp. 14, 15, 41, 43-46,
encarte entre pp. 16 e 17

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
(BIBLIOTECA/ARQUIVO)

Espólio José Marques, pp. 168, 169

ADOLFO DE LIMA MAYER, pp. 25, 26, 160, 161

ESPÓLIO MARIA DO CARMO DE LIMA MAYER
pp. 23, 24, 45, 51, 55, 58, 122-125, 127, 154, 157, 163,
179, 186, 193, 197, 201, 208, 210, 211-223, 225-227, 229,
235-240, 242, 243, 246, 250, 257, 265, 270-275, 278,
284, 287

JOÃO PAES, pág. 205

LUIZ ANTUNES, pp. 267-269 e 271

NUNO MOSER, pág. 33

VERA AMORIM, pág. 290

Capa, Design & Paginação

Silvadesigners

Impresso e encadernado

Norprint Artes Gráficas S.A.

Novembro de 2016

Depósito legal

418685/16

ISBN

978-989-99743-0-2

Edição



building
ideas

places of belonging

www.building-ideas.pt

Apoios



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

arquivomunicipal de lisboa



CENTRO
NACIONAL
DE CULTURA



9 789899 997430